

UMA ETNOGRAFIA DAS CENAS DE USO DE CRACK NO RIO DE JANEIRO E SEUS EFEITOS NOS USUÁRIOS.

AN ETHNOGRAPHY OF THE THE SCENES OF CRACK COCAINE USE AT RIO DE JANEIRO CITY AND THE EFFECTS IN THE USERS.

Danielle Valim¹.
Alba Zaluar².
Christiane Sampaio³.

*Não é preciso amor pra gerar uma vida, mas a
falta desse amor muitas vezes levar a morte!*
Projota



¹ Doutora em Saúde Pública: devallim@gmail.com

² Doutora em Antropologia: amz84@gmail.com

³ Mestre em Educação: chrisampayo@gmail.com

RESUMO: O presente artigo é um produto do estudo etnográfico feito em 2011 por meio de observações e entrevistas com usuários de crack em quatro cenas de uso na cidade do Rio de Janeiro, localizadas no bairro da Glória, nas favelas de Manguinhos e Jacarezinho assim como na estação Central do Brasil. O artigo descreve tais cenas comparando o perfil dos usuários, os diferentes contextos de uso da droga e seus efeitos nas práticas desses usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Crack; Usuários de drogas; Etnografia; Cenas de uso, Políticas Públicas

ABSTRACT: *This article is a product of the ethnographic study done in 2011 by means of observations and interviews with crack users in four spots of use at the city of Rio de Janeiro, which were located in the neighborhood of Gloria, in the favelas of Manguinhos, and Jacarezinho as well as Central do Brazil station. The paper describes such scenes, comparing the users' profile, the different contexts of drug use and their effects on the practices of such users.*

KEY-WORDS: *Crack cocaine; Crack cocaine users; Ethnography; Spots of use; Public Policy.*

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento do presente estudo foram visitadas e observadas as cenas de uso localizadas nas comunidades do Jacarezinho e Mangueiras, nos bairros da Glória e do Centro (nos arredores da Central do Brasil), tendo sido realizadas, nesses locais, as entrevistas com 45 usuários de crack. As observações e entrevistas desta pesquisa foram feitas entre abril de 2011 a dezembro de 2012, com as dificuldades de encontrar padrões repetitivos pelo fato de que as cenas de uso são espaços dinâmicos, que se alteram a cada dia pela alternância de usuários e demais personagens, inclusive policiais encarregados da repressão, em cada uma delas.

O objetivo da pesquisa era enriquecer, com conhecimentos obtidos em campo, outras análises efetuadas por estudos epidemiológicos, sempre se atendo ao cuidado de não transpor os dados de um contexto de uso para outro, de uma situação de entrevista para outra, observando em cada uma delas a relação entre os usuários e a dos entrevistados com o entrevistador. Foi necessário, portanto, deixar evidente a descrição dos cenários sócio antropológicos, dos locais físicos onde a pesquisa foi levada a efeito assim como do *rapport* e da postura do usuário com o pesquisador presente na cena.

Na perspectiva antropológica adotada – a da complexidade dos vários processos sociais em andamento nas situações vividas em cada uma dessas cenas em particular e partilhadas por todas na cidade - procurou-se inicialmente analisar o histórico de vida de cada usuário da qual constavam sua trajetória pessoal, familiar, escolar e de trabalho até chegar à cena de uso da droga, assim como os significados do crack para ele e a sua relação com a droga.

Para isso, foi utilizado um roteiro semi-estruturado de entrevista, cada uma obtida por meio de contatos nas comunidades visitadas, procurando um *rapport* de confiança e entendimento com o entrevistado para alcançar a sua subjetividade, que alguns autores

chamam de *ethos* (Elias e Dunning, 1993) e *habitus* ou *ilusio* (Bourdieu e Wacquant, 1992), a fim de conhecê-lo melhor. Fomos ao encontro dos usuários de crack sem medo e sem os preconceitos que os acompanham de serem seres abjetos, sujos, sem sentimentos, sem alma, “constituindo a realidade que a ficção de cada contador permite evidenciar, (Nery, 1999: 14).

DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DAS CENAS

As cenas se diferenciam visualmente em vários aspectos: no Jacarezinho e em Manguinhos ficam grandes aglomerações de usuários em torno de 130 a 300 usuários na maior parte do dia; na Glória e na Central do Brasil, um número bem menor, entre 30 e 50 usuários, se revezam em diferentes horas do dia.

A principal cena na comunidade de Manguinhos é conhecida como “Campo da Coréia”. Fica localizada no entorno de um campo de futebol desativado. Para chegar à cena é necessário passar por uma viela com espaço físico característico das favelas do Rio de Janeiro: ruas extremamente estreitas, ocupadas por casas de largura reduzida e de dois a três andares, algumas lanchonetes/bares e um restaurante.

I - Cracolândia em Manguinhos.



O campo de futebol não tem condições de uso como tal. No centro dele pode-se ver muito lixo - grandes porcos alimentando-se com resíduos - galinhas e cavalos circulando. A cena se localiza no entorno do campo, há uma grande movimentação de moradores circulando e muitas casas ao redor.

II - Porcos no lixo da cracolândia em Manguinhos.



Os usuários de crack, em sua maioria, ficam nas extremidades do campo de futebol (lados direito e esquerdo), abrigados em barracas feitas de lona para se proteger do sol ou da chuva, observam-se alguns sofás velhos. No local o uso do crack é massivo, existem até barracas que vendem copos de água mineral (que são utensílios para o uso da droga), isqueiros e demais aparatos. Tem, inclusive, camisinha disponibilizada pelos donos de barracas. Os usuários na maioria das vezes estão interagindo um com outro.

Na outra extremidade do lado esquerdo do campo existem duas Linhas de Transmissão de Energia - LT. Na parte de baixo de cada LT foi montada uma grande tenda aproveitando-se a estrutura das mesmas para estender lonas. Há um local de venda de vários tipos de drogas em frente das citadas barracas.

A maioria dos usuários utiliza como aparato para uso da pedra o copo de água mineral descartável. Também é possível ver alguns usuários com cachimbo que, contudo, não é tão utilizado quanto o copo, apesar da campanha baseada nos preceitos da redução de danos que recomenda o cachimbo em vez do copo por ser menos passível de contaminação de doenças infectocontagiosas. É interessante ressaltar que nesta cena ocorre pouca circulação de usuários menores de idade.

III- Imagem do copo utilizado para o uso de crack.



A principal cena de uso do Jacarezinho fica ao longo da linha do trem numa extensão de cerca de um quilometro, reúne usuários em grupos, há algumas barracas e venda de copos de água.

IV- Linha do Trem Jacarezinho



Esta cena reúne uma grande quantidade de usuários, podendo encontrar uma média de 200 a 300 usuários dependendo do horário. O comércio de drogas se encontra em uma das vielas de acesso a cena e também em outro ponto localizado na outra extremidade da linha do

trem, onde existe o comércio de maconha, cocaína e crack em bancas, anunciadas com as seguintes expressões: “Pó de R\$10”, “Maconha de R\$5”, “Crack de R\$2”, etc. Neste local, o tráfico se encontra fortemente armado, com armas expostas ostensivamente.

V - Embalagem das drogas vendidas no Jacarezinho



Contudo, após uma sucessão de operações denominadas “Choque de Ordem”, promovidos pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, para recolhimento de usuários de crack na cena de uso da linha do trem do Jacarezinho, e devido a primeira atuação do “Plano Nacional de Combate ao Crack” executado no bairro da Glória, a venda de crack na comunidade do Jacarezinho foi proibida pelo tráfico. Por esta razão, houve um deslocamento dos usuários desta cena, surgindo assim, novas cenas na favela.

Uma delas fica localizada em uma das entradas da favela, embaixo do viaduto por onde passa a linha do metrô e próximo a Avenida dos Democráticos. As características são típicas de cenas de uso concentradas em comunidades: local extremamente sujo, com um córrego passando ao lado e bastante lixo espalhado pelo chão. Há uma mangueira com água escorrendo onde os usuários tomam banho e lavam roupa. Também existem barracas com um comércio de água mineral no local feito por usuários de crack. Nesta nova cena pode-se observar cerca de 40 a 60 usuários⁴.

Como fonte de renda dos usuários, tanto das cenas de Manguinhos quanto nas cenas do Jacarezinho, há relatos de alguns usuários indicando que prestam serviços informais, tais

⁴ Com a proibição da venda do crack no Jacarezinho pelos traficantes, houve uma migração deste usuários para outras áreas, mas principalmente para a comunidade de Manguinhos.

como ajudantes gerais, prostitutas(os), guardadores de carro, avião⁵, limpadores de pára-brisas nos sinais de trânsito, entre outros. Registram também como fonte de renda os furtos e a mendicância.

Na cena de uso da Glória, os usuários, em sua grande maioria, são moradores de rua do bairro e se instalam principalmente na Rua Santo Amaro. Porém, a cena de uso não é explícita nem concentrada como no Jacarezinho. Para fazer uso do crack, preferem se esconder dos moradores e das pessoas que frequentam o bairro. Para isso, deslocam-se em direção à escadaria do monumento localizado na Praça Dom Pedro I. De acordo com o relato de um grupo de usuários, eles fazem uso da droga na escadaria por considerarem o local um pouco mais afastado e com baixa movimentação de pessoas.

A droga é comprada na comunidade de Santo Amaro, também localizada no bairro da Glória. Portanto, nesta cena de uso, não há a presença de traficantes nem se faz a venda de drogas no local.

VI- Cenas da Glória



⁵ Compra de drogas para outras pessoas.

O grupo é pequeno - em torno de 20 usuários - formando alguns casais e, conforme narram nas entrevistas, passam o dia envolvidos em tarefas relacionadas à sobrevivência nas ruas. A maioria deles relata garimpar coisas usadas que ganham ou que acham quando vasculham o lixo para venderem na Rua da Glória em lonas que são estiradas no chão nas quais expõem roupas, sapatos, brinquedos, discos, CDs, utensílios domésticos e vários tipos de quinquilharias.

Na cena da Glória há pouca rotatividade de usuários. Os que se encontram nesta cena estão no local há uma média de dois a cinco anos, sendo já conhecidos dos moradores. Eles procuram manter o controle sobre o grupo como forma de garantir a tranquilidade no local.

É interessante ressaltar que entre os usuários da Glória há um discurso de manutenção da ordem e de controle do uso de crack no local como forma de estabelecer o equilíbrio com os moradores do bairro e de evitar transtornos para os usuários.

Desde maio de 2012, houveram inúmeras mudanças na dinâmica do uso e venda de crack nesta cena de uso. Isto porque ocorreu uma iniciativa pioneira do Governo Federal através do programa “Crack, é possível vencer”, parte do “Programa Nacional de Combate ao Crack” através de uma ação integrada entre a Força Nacional, Polícia Militar, Polícia Civil e alguns órgãos governamentais e de segurança pública com o intuito de reprimir o uso de crack na Glória, eliminando, por hora, esta cena de uso.

VII - Cena de uso da Glória antes e depois da intervenção do “Programa Nacional de Combate ao Crack”.



A cena da Central do Brasil fica localizada em uma rua atrás do Quartel General do Exército. É muito suja, com colchões e cobertores espalhados pelo chão para que os usuários possam dormir e sentar.

O local possui grande movimentação de carros, transeuntes e policiamento - tanto a polícia militar, quanto a do exército - em razão de estarem concentrados no local a Secretaria de Estado de Segurança e o QG do Exército.

Por isso, a cena começa a ganhar vida no fim da tarde, quando é possível ver cerca de 50 usuários fazendo uso da pedra, já que durante dia a Polícia do Exército procura manter certo controle do local e tenta evitar uso de crack pelos usuários. Apesar disso ainda é possível ver uma média de 15 usuários fumando crack.

VIII – Cena de uso na Central do Brasil à noite.

Viciados usam crack livremente atrás do Comando Militar do Leste
PABLO JACOB / O GLOBO

Além disso, durante o dia, há uma dispersão dos usuários em torno da Central do Brasil. Passam o dia no comércio, catando reciclados, fazendo bicos e se prostituindo. A Central do Brasil é um local com grande circulação de pessoas que advêm de vários pontos da cidade, pelo fácil acesso ao local via ônibus, trem e metrô. Por isso, também é uma cena em que atrai muitos usuários de crack oriundos do Jacarezinho e Manguinhos que relatam circular pela região da Central em busca de doações, furtos, venda de objetos roubados e para se alimentarem no restaurante popular que cobra um real por refeição.

IX- Cena de recolhimento de usuários na Central do Brasil pela manhã.

Curiosa e dramaticamente, esta cena possui um número relevante de usuários com escoriações, fraturas e feridas pelo corpo oriundas de atropelamentos ocorridos naquela mesma região devido à intensa circulação de veículos.

Também foi possível identificar uma quantidade maior de travestis em relação às outras cenas visitadas. Nossas entrevistas na Central do Brasil foram realizadas com usuários que são travestis profissionais do sexo que ganham a vida fazendo programa.

ANÁLISES DAS DIFERENÇAS ENTRE AS CENAS DE USO E O EFEITO NOS USUÁRIOS.

É possível perceber que há relações um pouco mais sólidas e afetivas entre os usuários nas cenas de uso. Mas estas se dão, principalmente, nas cenas de uso onde há menor concentração de usuários e nos locais onde os usuários se encontram não necessariamente fazendo uso da pedra. As cenas de uso de Manguinhos e Jacarezinho aparentam ser mais degradantes sob o ponto de vista da exposição dos usuários ao público e a ocorrência de piores condições de vida. Isto porque estas cenas fazem com que os usuários adquiram maior vulnerabilidade visto que há maior facilidade para o acesso à droga e o consumo se dá no mesmo local da compra, a condição de insalubridade é pior e a tensão emocional, gerada por possíveis invasões policiais e pelo conflito com os traficantes é permanente.

A cena de uso que se encontra no bairro da Glória possui características bem diferentes das de Manguinhos e Jacarezinho, acima citadas. Na Glória há um grande fluxo de pessoas circulando e ronda policial constante, além do local de compra da droga estar afastado, ou seja, não ser exatamente no mesmo local da cena de uso, mas em uma comunidade vizinha a ela.

Por isso, ainda que esta cena de uso tenha uma concentração de pequenos grupos de usuários, não é um local voltado exclusivamente para esta finalidade. Além disso, o bairro da Glória possui uma rede de comércio, policiamento, e interferência dos moradores, o que gera um cuidado entre os usuários no sentido de impedir a expansão do número de usuários de crack e moradores de rua no local. Com isso, mesmo que ocorra a concentração em pequenos grupos de usuários, é um bairro monitorado constantemente com o intuito de controlar a concentração de usuários e o estilo de uso da droga no local que deve ser discreto.

Já a cena da Central do Brasil é um ponto intermediário que, embora não fique localizada em uma região dominada pelo tráfico, possui venda de drogas no local de forma camuflada, tem um intenso fluxo de transeuntes, comércio, transportes públicos e policiamento. É também um local onde não há uma grande concentração de usuários durante o dia, nem uso explícito da droga o tempo todo.

O CRACK: SEUS RITUAIS, SÍMBOLOS E SANÇÕES SOCIAIS.

Norman Zinberg, um dos primeiros a estudar o chamado "uso controlado" de psicoativos, caracterizado por seus baixos custos pessoais e sociais, enfatiza que os efeitos do uso dessas substâncias dependem não só das suas propriedades farmacológicas, mas igualmente das atitudes e personalidade do usuário (*set*), assim "*como do meio físico e social onde ocorre o uso*" (*setting*). Em relação a este último fator, ele ressalta os controles sociais que se organizam em torno do que chama de "sanções sociais" e "rituais sociais". "Sanções sociais" seriam as normas que definem se e como determinada droga deve ser usada. Incluiriam tanto os valores e regras de condutas compartilhadas informalmente por grupos (embora de maneira não explicitada) e as leis e políticas formais que regulamentam o uso de drogas. Vejamos a fala abaixo sobre preservação do ambiente:

Pesquisador: Vocês mesmos querem preservar esse ambiente de vocês?

Entrevistado: “Queremos preservar o nosso ambiente. Eu sou criada aqui desde pequena, eu não gostaria de sair, aqui as pessoas do bairro ajudam, dão coisas usadas para o nosso brechó, dão comida, temos que manter a ordem para sermos aceitos por aqui, se tem uma ação violenta os moradores defendem a gente. (Usuário de crack morador da casa da Glória).

Já os "rituais sociais" seriam padrões estilizados de comportamento recomendado em relação ao uso de uma droga. Eles seriam aplicados aos métodos de aquisição e administração da substância, à seleção do meio físico e social para usá-la, às atividades empreendidas após o uso, e às maneiras de evitar efeitos indesejados. Dessa forma, esses rituais teriam a função mnemônica de lembrar e reforçariam as sanções sociais no plano simbólico.

Vejamos uma conversa que tivemos com os usuários de crack também da Glória. sobre uso controlado:

Pesquisador: Aqui tem aumentado o numero de usuários de crack?

Entrevistado: “Não. Aqui até que não tem aumentado. Tem diminuído bastante, porque as pessoas estão saindo daqui e indo para lá (Manguinho e Jacarezinho), porque o de lá é mais forte, tem mais quantidade, aqui é bem menos. Nós usamos pouco e não nos prejudicamos.

Então vocês mesmos fazem esse controle do uso?

É. Aqui é para quem gosta de se controlar, usar pouco. Porque quem não gosta, vai para um lugar que acha que tem mais quantidade. Também, todo o dia tem notícia ruim de um”. (Usuário de crack morador da casa da Glória).

Os controles sociais para todas as drogas, lícitas ou ilícitas, atuam em diferentes contextos sociais, indo desde grupos muito grandes, representativos de uma cultura como um todo, até pequenos grupos específicos, sua vigência se aplicaria de maneira variada em diferentes momentos. Assim, certos tipos de uso, em ocasiões especiais, envolvendo grandes números de pessoas, apesar de sua diversidade cultural, tornar-se-iam tão aceitáveis que mesmo uma legislação restritiva poderia ser momentaneamente posta de lado. Esse é exemplo das grandes crackolândias do Rio: Jacarezinho, Manguinhos, Madureira, entre outras.

Nas cenas de Manguinhos e Jacarezinho encontramos relato de pessoas que só usam o chamado *zirrê* (maconha com crack), que é triturado e polvilhado no cigarro de maconha. Para tais usuários, o uso desta substância misturada altera o comportamento deles e as relações sociais entre eles. Eles se sentem muito mais tranquilos e “cabeça”, ou seja, com suas mentes sob controle, inclusive se colocando fisicamente separados dos usuários que usam o crack em copos, cachimbos e latas.

Grund (1993) enfatiza que o uso de drogas (mesmo as “pesadas”) não leva, necessariamente, a padrões de uso descontrolados ou nocivos. Embora o uso de psicoativos possa tornar-se uma atividade predominante, ela é raramente uma atividade isolada e é, geralmente, social. Padrões de uso (quem usa o que e como) estariam sujeitos a diversos determinantes como: disponibilidade, tendências e padronização cultural.

Abaixo percebe-se mais uma diferenciação estabelecida pelos usuários da cena da Glória.

“A diferença é que lá você vê muita coisa que nunca pensou em ver. É muita gente, muita! A droga fica do lado, o tempo todo, não tem rotina de trabalho, a gente aqui tem, cata, monta barraca, vende. Tem pouca gente, só adulto. Os menores que tem aqui ficam mais afastados da gente, lá a gente não pode fazer isso, tem que seguir as regras dos homens (traficantes). Aqui em baixo traficante não manda...” (Usuário de crack morador da cena da Glória).

Grund (1993) nos alerta, também, para o fato de que embora o modelo seja circular, ele não é um circuito fechado independente; os três elementos do trio (disponibilidade da droga; valores, regras, rituais e estrutura de vida) estão sujeitos a variáveis e processos externos distintos que vão desde fatores psicológicos pessoais e culturais até regulamentos oficiais e considerações mercadológicas. Grund considera que, portanto, o uso de psicoativos não pode ser isolado do seu contexto social e, concordando com Zinberg, afirma que o

controle sobre o uso dessas substâncias é principalmente determinado por variáveis sociais (Grund 1993: 237-254).

Podemos confirmar isso no relato dos usuários de crack de Manguinhos e Jacarezinho que, apesar de usarem a mesma substância – o crack –, demonstram ter diferentes posturas diante do uso, atribuindo significados diversos à droga e ao local, o que vem a construir simbolicamente o contexto de uso e a droga. Abaixo é possível ver algumas falas que representam esta noção.

Pesquisador: O que leva os usuários de crack a ficar nas ruas?

Usuário 1: “Eu também queria saber o que leva, às vezes nem tem droga prá usar, a droga aparece e prende a gente no local, não deixa nós sair dali, é um troço muito estranho. Só não gosto de andar suja igual eles andam, mas o resto... Durmo em qualquer lugar, mais próximo onde está a droga.”

Pesquisador: “Em vinte quatro horas, quanto desse tempo você utiliza para o consumo do crack?”

Usuário 2: “Umas três horas. Eu não uso direto. Eu dou uma “usada”, quando eu vejo que já está legal, eu ando, saio andando”.

Pesquisador: E quantas pedras você usa mais ou menos por dia?

Usuário 3: “Depende tem dias que você está meio injuriado é aí você usa bastante, tem dias que você está mais tranqüilo e quase não usa”.

Pesquisador: Qual a vantagem e desvantagem em usar o crack?

Usuário 4: “O crack não tem vantagem, não tem vida, vive na rua, não tem casa, não tem lazer, não tem família”.

Pesquisador: O que significa o crack para você?

Usuário 5 : “É a droga do diabo. Ou mata ou leva a pessoa a virar mendigo: são dois destinos...Tem mais efeitos negativos”.

As considerações acima mencionadas concordam com as análises feitas pelos pesquisadores nas cenas de uso observadas na pesquisa etnográfica. Os espaços físicos e os contextos sociais geram diferentes posturas e ações dos usuários, criam expectativas e controles específicos nas pessoas que ali se reúnem para consumir a droga de maneiras claramente diferenciadas.

Nas cenas de Manguinhos e Jacarezinho, os usuários se misturam com dejetos corporais, com lixo e com animais, havendo a cada esquina um ponto de venda de drogas controlada por traficantes que passam a mensagem de **consumir** no bazar das drogas. Este é o

território ou a cena social da “cracolândia”, que veio a ocupar o espaço onde, pelo menos há uma década, praticava-se o futebol, fazia-se as rodas de samba e brincadeiras de criança (pipa, bola de gude, taco). O atual cenário de lazer é a cracolândia, uma nova Disneylândia degradada dos desafortunados, dos perdedores, dos excluídos.

Nos últimos dois meses (Agosto e Setembro de 2012), ocorreram inúmeras mudanças nas cenas de uso por conta da dinâmica do tráfico que deixou de vender crack no Jacarezinho. Os usuários migraram para outros locais, mas a grande maioria, devido à proximidade entre as duas favelas, foi buscar refugio em Manguinhos que, apesar de vender crack, passou a proibir os usuários de ficarem durante o dia no campo da Coréia. Neste local, o uso começa apenas às 16 horas, mas ficou proibido montar barracas ou usar a área de Nelson Mandela. Novas cenas surgiram e outras cresceram como é o caso da CCPL⁶ e a linha do trem de Manguinhos, dentre outras. Os usuários ficaram localizados, em massa, nas chamadas zonas neutras⁷, ou seja, na Av. Dom Helder Câmara e Av. dos Democráticos. Em meio a esta dispersão das cenas de uso dentro das favelas de Manguinhos e Jacarezinho, uma equipe de saúde⁸ flagrou uma média de 100 usuários dormindo um campinho de futebol que teve suas grades violadas ao lado da SUIPA⁹. Foi uma cena considerada impressionante por estes profissionais da saúde¹⁰.

⁶ Cena em baixo do viaduto que corta a linha do trem próximo da antiga fábrica de leite CCPL

⁷ Consideradas zonas neutras por serem locais sem presença direta do tráfico, e também, por serem Avenidas centrais de grande movimentação de carros circulando

⁸ Equipe do Consultório de Rua que atende aos usuários de crack da comunidade de Manguinhos.

⁹ Sociedade União Internacional Protetora dos Animais. Localizada na Avenida Dom Helder Câmara, próximo a comunidade do Jacarezinho. A SUIPA é uma entidade que presta assistência Veterinária, sendo particular, não eutanásia, sem fins lucrativos, e de utilidade pública. Além do abrigo, a SUIPA mantém em sua sede uma Assistência Veterinária, com preços populares, para que todas as pessoas possam cuidar de seus animais de estimação, de segunda a domingo e também nos feriados.

¹⁰ A pesquisadora Christiane Sampaio é psicóloga do Consultório de Rua responsável por atender a comunidade de Manguinhos, e presenciou a cena em questão.

X - Avenida dos Democráticos.**XI - Aviso da proibição da venda de crack no Jacarezinho****A DROGA, O CRACK, E SUAS NOVAS REPRESENTAÇÕES.**

Como ficam as representações sobre os usuários desenvolvidas pelos moradores destas duas favelas? Eles pensam que os usuários perderam a possibilidade de construção minimamente autônoma das suas subjetividades e vivem a mercê do vício, da degradação, da perdição, da abjeção? Atualmente, na opinião pública, houve uma mudança radical no significado do uso de das drogas ilegais, anteriormente associadas à boêmia, à arte, à poesia, à rebeldia, passando a constituir um problema social vinculado à violência, à tomada de poder pelos traficantes armados, aos bailes funk, aos bondes formados por meninos que ali iam para brigar.

E como ficam os usuários de crack destas cenas? Aqueles que desenvolvem práticas sociais mais desviantes, portanto que guardam maior distância dos valores e regras

socialmente aceitos pelos demais moradores da cidade, têm de enfrentar os estigmas que acompanham tais desvios. Uma das respostas, a encontrada nas cenas de Manguinhos e Jacarezinho, é a separação e confinamento do grupo de usuários em um espaço delimitado sem interação com os moradores mais próximos. Daí resulta a marginalização que vem a reforçar as atitudes e comportamentos considerados inadequados, aumentando ainda mais os desvios, os preconceitos e a exclusão social. Na cena da Glória, entretanto, devido à interação com os vizinhos e a procura de um certo controle sobre os excessos tanto no uso da droga quanto nos comportamentos considerados inadequados, como a falta de asseio, o roubo, a gritaria e os palavrões, os usuários não estão excluídos do convívio social.

As relações estabelecidas em torno do universo dos usuários de crack se dão, principalmente, em função e com o interesse do uso da droga em si. O principal objetivo é o uso do crack. Contudo, por se tratarem de usuários em situação de rua, podemos perceber algum investimento em torno da alimentação, proteção, espaço para descanso e higiene como uma forma de contornar a sobrevivência, e não como objetivo principal para a garantia de uma sobrevivência considerada minimamente digna.

Entrevistamos 45 usuários destas localidades de uso acima mencionadas o que nos permitiu concluir que traçar o perfil dos usuários de crack entrevistados é um empreendimento complexo que não permite generalizações. Apesar de apresentarem características semelhantes do ponto de vista social, tais como a perda dos laços familiares e sociais, o curto e tumultuado vínculo com o ambiente escolar, o histórico de violência no espaço da casa e demais ambientes sociais e a precariedade do trabalho sem vínculos formais ou permanentes, os usuários entrevistados também apresentaram muitas singularidades que não são passíveis de fácil identificação e entendimento.

Por tudo isso, ao apurarmos as 45 histórias de vida recolhidas, foi possível perceber não apenas o quanto as pessoas entrevistadas são singulares, mas também que qualquer tentativa de política repressora seria incorreta. O que se pode afirmar é que o processo de vulnerabilidade sofrido por elas vem antecedido pela vivência de problemas sociais anteriores ao consumo de crack. Estes problemas se ampliaram na medida em que essas pessoas se tornaram usuários de crack, devido ao rompimento dos vínculos sociais, na maioria dos casos já enfraquecidos, que a dependência química e a vida na rua só fez ampliar na maioria dos casos analisados.

POSSÍVEIS CAMINHOS A SEREM TRILHADOS

Um dos elementos principais deste artigo é pensar as características presentes nos diversos usos do crack e as subjetividades presentes nos diferentes contextos sociais observados. Pretende-se assim, buscar outras soluções para as questões sociais que surgem em torno deste consumo que gera diferentes graus de dependência da droga.

O estudo das drogas é considerado um dos principais veículos para o entendimento do psiquismo humano, tanto pela neurociência quanto pelas ciências humanas, ou seja, oferece a possibilidade de chegar a um ponto privilegiado - o *conhecimento da mente humana* (Carneiro, 2002: 11:13).. Nas cartografias, que focalizam os aspectos sociais do uso e sua territorialização, surge também o entendimento dos seus efeitos ambivalentes: de um lado, a droga oferece uma passagem para o Éden através do comprimido da felicidade; de outro, a droga promove a dependência química, psicológica e social que pode ocasionar um processo de escravidão a um ou vários produtos, ou ao grupo a que passa a pertencer o usuário.

Dentre estas cartografias, é possível verificar que muitos, mas não todos, usuários de crack constituem guetos - característica historicamente relacionada ao uso de drogas. De fato,

ao analisarmos os guetos formados pelos grupos de usuários crack em algumas cenas de uso no Rio de Janeiro, percebemos que estes guetos são constituídos não somente com o objetivo de consumir a droga, mas também como efeito da exclusão social dos indivíduos.

*“Só de ninguém te aceitar, te enxergar de outra forma, já era.”
(Usuário de crack entrevistado em Manguinhos).*

Mesmo assim, nos guetos que constituem as cracolândias, talvez um dos aspectos que diferem o uso de crack na cidade do Rio de Janeiro, as cenas de uso são todas acessíveis, o que permite a execução de ações enquadradas em diversos campos por diversos atores com as mais diferentes posições ideológicas.

Pode-se dizer que, hoje, atuam nestas cenas religiosos com oferta de alimentação, oração e internação; serviços especializados em assistência social e recolhimento em abrigos; e serviços de saúde com ações de redução de danos e de amplo cuidado à saúde, oferecidas por agentes públicos e privados.

É fato que as temáticas em torno do uso do crack necessitam de atenção especial. Principalmente no que se refere ao perfil dos usuários e ao processo de vulnerabilidade a que estão submetidos. Em torno do consumo de crack, constitui-se uma tríplice complexidade: “sujeito, droga e meio”¹¹, ou seja, personalidade, substância e contexto de uso, que gera inúmeras combinações. Algumas, de fato, envolvem violência, segregação, degradação, repressão, violação, e fatores que geram nos operadores das políticas públicas uma multiplicidade de ações equivocadas e muitas vezes contraditórias. Estamos diante de um problema ainda desconhecido, que precisa ser compreendido em suas várias dimensões, inclusive a social, a cultural, a econômica e a política que ficaram aqui denominadas

¹¹ Oliverstain (1997) nos aponta que o fenômeno das drogas só pode ser compreendido na dinâmica relação dos vértices *sujeito, droga e meio*, sendo que qualquer mudança qualitativa ou quantitativa, em qualquer um dos vértices, implicará em mudanças das respostas. Por isso estamos falando de um fenômeno dinâmico sobre o qual não cabe fazer generalizações.

“contexto social de uso” ou “cena de uso”, mas que vão para além delas, na história de vida dos indivíduos.

A política pública que venha ser considerada estratégica, por definição deveria fazer acontecer o conjunto de ações requeridas para que se alcancem os objetivos que levem em consideração o cuidado à saúde geral do usuário, a ampliação do processo de formação e educação dele, o fomento da inclusão junto ao mercado de trabalho, entre outros. Ou seja, tornar mais dignas as condições de vida dos usuários como modo de intervir e definir estratégias para diminuir os efeitos químicos devastadores desta substância no cérebro humano bem como os efeitos igualmente devastadores da exclusão e degradação social da pessoa do usuário.

BIBLIOGRAFIA

Bourdieu, Pierre e Wacquant, Loïc, *Réponses: Pour une anthropologie réflexive*. Paris, Seuil, 1992.

Cordeiro, H. “A construção do vício como doença: o consumo de drogas e a medicina”. *XIII Encontro Regional de História* (Anpuh-MG), 2002, Belo Horizonte. Apud Jean-Didier Vincent, 1986: 199.

Elias, Norbert e Dunning, Eric. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford, Blackwell, 1933.

Grund, J.-P. C. *Drug Use as a Social Ritual - Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation*. Roterdã: Institut voor Vershavingsonderzoek (IVO) Erasmus Universiteit, 1993.

Olivenstein, C. 1997. “O nascimento das intuições propósito da obra de Michel Foucault” In: Inem, C, Baptista, M (org.) *Toxicomanias uma abordagem clínica*, 1997.

Velho, G. "Duas Categorias de Acusação na Cultura Brasileira Contemporânea" In; *Individualismo e Cultura*, 1981.

Zinberg, N. "*The Social Setting as a Control Mechanism in Intoxicant Use*", In; Lettieri, D.J., Mayers, M., Pearson, H.W. (eds) *Theories on Drug Abuse*, NIDA Research Monograph 30, NIDA, Rockville, 1980, pp.236.